

Sigismund Krzyzanowsky. 2002. *Le Retour de Munchhausen*. Paris: Editions Verdier. Tradução do russo: Anne Coldefy-Faucard. Pós-fácio de Hélène Châtelain e Vadim Perelmuter. 170 pp. ISBN 2-86432-351-6.

Esta é uma edição inédita de um escritor cuja obra é muito pouco conhecida no Ocidente. A mesma editora publicou em 1993 um outro título, *Le Club des tueurs de lettres*, mas esta sua versão das histórias do Barão de Munchhausen merece uma atenção particular e existem motivos suficientes para atenção. O primeiro prende-se com a entrada para a história da psiquiatria de um quadro clínico com o nome do Barão: o síndrome de Munchhausen. Depois, a mecânica cinética das utopias, ou melhor, não tanto a descrição do que podem ser, mas como se fazem. Tanto a narrativa original (que nunca o foi) das aventuras do Barão, como o livro de Krzyzanowsky atravessam a modernidade, na sua infinita recomposição das fronteiras vagamente herdadas de uma concepção jacobina do mundo: este refaz-se, politicamente; mas também existem as resistências ao trabalho de doutrinação, também existe a memória do velho mundo, do que está e do que é. Da guerra russa contra os turcos, à revolta dos marinheiros de Cronstadt, o Barão é todo um programa. O livro de Krzyzanowsky é uma parte desse programa. Notará o leitor a falta de um 'h'? Precisamente, o 'h' que falta é a diferença entre a história do Barão original e a história feita sobre o Barão. Mas expliquemo-nos, que se faz tarde.

O Barão Karl Friedrich Hyeronimus serviu com os russos na guerra que estes fizeram aos otomanos, para conquistarem o acesso ao Mar Negro e que culminou com o Tratado de Kutchuk-Kainardji, assinado em 1774. Nesta altura já o nosso Barão contava cinquenta e quatro anos e há muito vivia retirado na sua propriedade alemã de Munchhausen e entretinha-se a contar (e a reviver) aos seus amigos, histórias e façanhas. Um outro personagem, Rudolph Erich Raspe, amigo do barão, foge para Inglaterra (problemas judiciais) e publica em Londres, em 1785, um livro de histórias e de aventuras. Este livro, *The Adventures of Baron Munchhausen*, torna-se um êxito de vendas, tanto na altura como nos anos que se seguem. Mais tarde, por acção de um poeta alemão, Gottfried Burger, que traduz o original de Raspe para a língua de Goethe e lhe

acrescenta contos e pontos, as aventuras do Barão iniciam uma gloriosa carreira mundial. Vários filmes, já no século XX, se encarregaram de imortalizar o enredo de Munchhausen, e, também no século XX, a psiquiatria dá o seu nome a um síndrome, de diagnóstico algo nebuloso. Tanto nas várias edições da DSM, como no *Merck Manual of Diagnosis and Therapy*, como em muitos manuais de psiquiatria, o Síndrome de Munchhausen enquadra a simulação por parte do doente de sintomas físicos. Mas a coisa é mais complicada do que uma simples simulação, seja porque o doente acredita de facto na sua doença, seja porque esta crença o leva a procurar intervenções clínicas e, até, cirúrgicas. Existe uma variação, o MSBP, Munchhausen Syndrome by Proxy (de "proximidade"), que se aplica a pais que simulam doenças dos seus filhos, pondo em causa a saúde mental e física da prole. Nos EUA, foi criada uma associação que protesta contra falsas alegações de MSBP, a M.A.M.A. (Mothers Against Munchhausen Syndrome by Proxy Allegations), que pretende defender pais injustamente acusados de envolver os seus filhos no delírio psico-somático de Munchhausen. Posto isto, voltemos ao livro objecto desta recensão.

Krzyzanowsky reedita as aventuras do Barão na Rússia de 1921, como se de um retorno se tratasse. Mas os tempos são outros, o Barão apresentando-se como um servidor fiel da ficção (p.42) num território ele próprio ficcionado pela experiência comunista. Talvez por isso, entre alusões à sua amizade com Einstein, o Barão vai, aqui e ali, aludindo também ao regime e aos seus futuros excluídos, como é o caso de Boris Pilniak, escritor caído em desgraça no estalinismo. O livro é um dibujo falsamente desinteressado do compromisso universal das utopias: a criação de um homem novo. Embora com luvas, Krzyzanowsky transpõe para a nova URSS o cepticismo do seu personagem. Particularmente deliciosa (pp.102-103) é a passagem em que o barão visita o Instituto de Nivelamento do Psiquismo. Neste soturno local, um cientista pretende ter localizado, no cérebro de uma cobaia-humana, a região responsável pela 'ideia de Estado'. O desgraçado, antes de uma espécie de trepanação, balbuciava palavras de ordem contra-revolucionárias. Depois de ter a cabeça rapada e a tal região devidamente manipulada, calouse. O cientista recorda. Então, ao Barão e à

restante assistência em silêncio, um velho provérbio russo: 'quando os cabelos são cortados, já não nos preocupamos com a cabeça'.

Através do olhar do Barão, Krzyzanowsky descreve pedaços da história da grande Revolução: 'Quem nunca viu um 1º de Maio em Moscovo, não sabe o que é uma festa popular'. O povo, na sua mobilização quase autocinética, fascina-o, tanto quanto as possibilidades dessa mobilização. Mas estas, como 'as ruas desertas, à noite, depois da festa'" parecem ao Barão um prenúncio da fragilidade dos grandes projectos políticos de inspiração jacobina: criar uma nova ordem, sim, mas depois, à noite, como é? Dir-se-ia que Krzyzanowsky é um digno representante da escola de Charles Renouvier, o inventor da ucronia ou a arte de colocar as utopias no passado. Renouvier, que curiosamente não é citado pelos editores do *Retour*, publicou em 1876 *Uchronie, l'utopie dans le l'histoire*, rescrevendo 1000 anos de História europeia. A ucronia, ponto divergente da história, na definição de Eric Henriet, obriga o actor a um exercício divertido e literário, tanto quanto à compreensão dos mecanismos sócio-políticos relidos à luz do que se adquiriu. Coisa importante, já se vê, quando, só para falar do século XX, muitas experiências de engenharia social, nuns casos, se desligaram da sua base inicial (comunismo), noutros, poderiam ter tido ainda maiores e funestas consequências (fascismo e nazismo).

O humor corrosivo de Krzyzanowsky constitui, também, um excelente pretexto para ler o *Retour*, tanto mais que esse humor apoia-se quase sempre numa leitura humanista e crítica da tibieza e maldade humanas. Como, por exemplo, neste diálogo (p.89) entre o Barão e um 'homem da estatística':

- Quantos suicídios durante a guerra civil?
- Zero.
- Como assim?
- Assim: você não tem tempo de se matar, se os outros já lhe cortaram a garganta.

Filipe Nunes Vicente
Instituto Superior Miguel Torga

Rui Mota-Cardoso, Anabela Araújo, Rute Carreira Ramos, Marco Gonçalves e Marco Ramos. 2002. O Stress nos Professores Portugueses: Estudo IPSSO 2000. Porto: Porto Editora. 176 pp. ISBN: 972-0-34071-1.

O livro que este grupo de autores preparou, com prefácio de Eduardo Marçal Grilo, é uma leitura de grande interesse para todos aqueles que, de um modo ou de outro, se encontram ligados à actividade docente. O livro tem 4 capítulos. O capítulo 1 introdutório foca o conceito de stress, a expressão do stress na profissão docente, as fontes de stress na profissão docente, as consequências do stress na profissão docente e onde é apresentado um inquérito de âmbito nacional IPSSO 2000. O capítulo 2 – 'Metodologia' - apresenta o modelo adoptado, o estudo qualitativo exploratório, a escolha dos instrumentos e estudos psicométricos prévios, o inquérito nacional e a construção e validação do EPSO-D e determinação das fontes de stress percebidas. No capítulo 3 – 'Resultados' – os autores apresentam as características gerais da amostra estudada, as fontes de stress, segundo a Escala Portuguesa de Stress Ocupacional (versão para a docência – EPSO-D), a percepção do stress, segundo a Perceived Stress Scale (PSS), a satisfação profissional, de acordo com a Escala Pressure Management Indicator (PMI) e os valores de burnout, a partir do Maslach Burnout Inventory (MBI). No capítulo 4 – 'Discussão e Conclusões' – são discutidas as opções metodológicas os resultados e as atitudes preventivas, a que se seguem os agradecimentos, as referências bibliográficas e os anexos julgados pertinentes para o estudo.

No primeiro capítulo, os autores começam por afirmar que o stress nos professores é uma realidade que preocupa não só os docentes (enquanto indivíduos ou classe) como a comunidade educativa, os investigadores das áreas, directa ou indirectamente relacionadas, os responsáveis políticos e o público em geral. Seguidamente, é apresentado o conceito de stress, salientando a riqueza e a diversidade que a ideia de stress encerra, reunindo diversas noções de stress, sendo que este tem sido definido a partir de três acepções diferentes: 1) como uma condição ambiental externa que perturba o funcionamento regular da pessoa; 2) como uma resposta do organismo, automática e global,